

PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS.

Saulo Barbosa Santiago dos Santos¹

RESUMO

Historicamente o ensino superior sempre passou por dificuldades que impediam a sua ampliação e melhorias. Com o passar dos anos, foram desenvolvidas várias didáticas e pedagogias em conformidade com o avanço das ciências contemporâneas articuladas à ciência da educação, propiciando melhorias nas condições de ensino. O professor deixa de ser somente um profissional estudioso, com um vasto currículo. Exige-se então, um professor como facilitador do conhecimento, não de forma taxativa ou discursiva, mas sim, com o uso de diversas didáticas apropriadas para estimular o aluno a se desenvolver como um sujeito ativo, transformador e participante. O aluno sai dos laços da educação tradicional, isto é, da condição de um ser passível, silencioso e acrítico, e se torna participante ativo com a orientação do professor. Para tanto, conclui-se que é necessário superar os desafios que acometem o ensino superior, e reconhecer a existência de perspectivas e avanços para a continuidade de um ensino cada vez mais qualitativo e que compreenda melhor a expansão quantitativa da educação superior.

Palavras-chave: Professor. Aluno. Educação. Aprendizagem. Ensino Superior.

ABSTRACT

Historically, higher education has always experienced difficulties that impeded the expansion and improvements, over the years, developed several educational pedagogies and provide better conditions. The teacher is no longer only a professional scholar, with a broad curriculum. Required to facilitate a teacher with knowledge, not exhaustively or discursive, but with the use of various teaching that makes the student an active entity, modifier and participant. The student, comes from the bonds of traditional education, ie, be liable, silent and uncritical, and becomes an active participant and the teacher's guidance. To this end, we conclude it is necessary to overcome challenges that make the higher education and the existence of and prospects for continued advances quality and quantity of higher education.

1 Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Didática para o Ensino Superior pela Faculdade Pio Décimo (FPD) e especializando em Teoria do Conhecimento e Ética, também, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Keywords: Teacher, student, education, learning, higher education.

1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 90, o crescimento do ensino superior até o ano de 2006 foi vertiginoso, cerca de 152%, com um aumento de matrículas em 140%, infelizmente entre 2005 e 2006 houve uma queda para 5%, em relação à taxa, o que não dizer que deixou de crescer, portanto, é de suma importância que haja mais estudos sobre o ensino e a aprendizagem no ensino superior. Ele está crescendo, e como tudo que cresce, precisa ser administrado para que haja continuidade não só na quantidade, mas também na qualidade.

A motivação para o desenvolvimento desse artigo se dá pela necessidade de realizar pesquisa no setor da educação superior, pois, com a crescente situação econômica e os projetos políticos que propiciam o ensino superior para classes que até antes não possuíam acesso, se não houver estudos que demonstrem os acertos, erros e melhorias, muito provavelmente o ensino superior será fadado ao fracasso.

A escolha do tema se faz pela necessidade de pesquisar os desafios e perspectivas que tanto os alunos quanto os professores possuem em relação ao ensino e a aprendizagem no ensino superior, e como consequência, desenvolver referências que possibilitem algumas soluções para determinados problemas que são constantes e históricos nos cursos superiores em relação à qualidade da prática educacional como um todo.

2 A DOCÊNCIA SUPERIOR E OS PILARES PARA EDUCAÇÃO

Os professores universitários, geralmente, passam grande parte do seu tempo na sala de aula e a partir desse momento – ou até mesmo antes dele – surgem inúmeras indagações e reflexões de como melhorar sua metodologia, como também, desenvolver técnicas para dinamizar o processo de conhecimento, tornando assim, o ensino-aprendizagem sólido e construtivo. Entretanto, para facilitar a prática docente, é necessário ir além dos domínios desses procedimentos estratégicos, pois considera-se de suma relevância a análise, discussão e explicação dos novos paradigmas educacionais visando adequações, modernidade e melhorias.

Na perspectiva de fazer com que os discentes retenham, absorvam e reproduzam criticamente os conteúdos por ora apreendidos, existem quatro pilares, que praticamente constituem a base da educação contemporânea, e que devem ser levados em consideração, enquanto desafios, transformação da prática em *práxis*: a) aprender a conhecer b) aprender a fazer c) aprender a conviver d) aprender a ser. Isso vai exigir do professor um vasto conhecimento não só no domínio do assunto, mas também na forma de transmiti-lo. Atentamos aqui a mudança conceitual do termo “conhecimento” pois, esta não pode ser definida como concentração de informações referenciais que tendem a ser repassados mecanicamente, considerando-se o modelo educacional tradicional.

Sustentado por uma visão acadêmica tradicionalista, o professor é visualizado como o centro do processo, enfatizando o ensino como absorção dos conteúdos, que nem sempre se referem à realidade, porém, se levarmos a diante os quatro pilares anteriormente citados, então a proposta é dar foco ao processo educacional, com um procedimento didático que seja condizente aos pilares, ou seja, fazer do professor, um facilitador, e trazer o aluno e a aprendizagem como seu principal objetivo. Por conseguinte, o desenvolvimento da aprendizagem deve estar alicerçado no aprimoramento das capacidades intelectuais, das habilidades humanas e profissionais, das atitudes e valores integrantes à vida profissional e social.

3 INOVAÇÕES PROMOVIDAS NA PRÁTICA DOCENTE

Em um mundo tão globalizado e dinâmico, não podemos ter a ideia de desenvolver aulas tradicionais ou tecnicistas. O professor não é mais o ser superior e ordenador, que faz da ciência algo pronto e concluído, que somente precisa ser aplicado, retirando do aluno o saber pensar, a crítica filosófica.

Nessa perspectiva, os docentes da nossa época podem utilizar as inovações contidas numa diversidade de técnicas e dinâmicas, que, se forem devidamente contextualizadas poderão contribuir para o desenvolvimento de aulas que se caracterizem por um novo padrão de qualidade refletindo-se na aprendizagem. Porém, é importante ressaltar que o uso dessas alternativas para garantir um ensino adequado, não trará certezas absolutas sobre o que se espera alcançar: - a aprendizagem eficiente. No entanto, pode-se afirmar que se os meios para uma ação educativa com mais eficiência existem, eles podem e devem ser acessados e

modificados de acordo com a realidade de cada instituição.

Para Masetto (1998), a aprendizagem no ensino superior possui diversas características que estão divididas em cinco partes, que são: a) O aluno estar motivado em adquirir conhecimento; b) Integrar a prática de pesquisas com o intuito de fazer com que o aluno tenha responsabilidade na busca incessante do conhecimento; c) envolver o aluno como pessoa e não como somente um pesquisador; d) inserir o aluno no mercado profissional na sua área de estudo; f) fazer com que o aluno autoanalise os procedimentos de como ele aprendeu, assim, entenderá quais são seus limites e potencialidades.

Ainda concernente à visão de Masetto (1998), pode-se constatar na sua leitura que a prática pedagógica, se faz desde o primeiro dia de aula, quando o professor aborda as estratégias necessárias, informando que o sucesso do curso depende do trabalho em equipe, isto é, deve haver uma cooperação entre professores e alunos. Sendo que o principal objetivo das atividades docentes é o envolvimento coletivo e a motivação para a aprendizagem necessária. Fazer com que tal envolvimento aconteça não é algo fácil, uma vez que o professor e a própria instituição deverão demonstrar suas ações sociais e comprometimento com a educação, bem como elaborar uma *“uma proposta curricular que desafie o aluno a realizar ações que relacionem a teoria e a prática desde o início do processo”*, desta forma, o aluno se torna mais propício a interagir melhor com o curso, pois haverá, de acordo com Masetto, 1998,p.91

a inclusão de situações sistemáticas de ensino que mobilizem a reflexão em torno das ações pretendidas, com um chamamento contínuo ao eu dos sujeitos alunos e professores para que despertem para os problemas presentes em nosso cotidiano mundial, em busca de superar a alienação presente na formação discente.

Todavia, mesmo que a proposta curricular possua grande importância em todos os aspectos, apenas ela, por melhor que seja, não garantirá sucesso. A aula precisa ser mais envolvente e para isso necessita-se de técnicas e práticas pedagógicas que a torne mais interativa e interessante. Para tanto, Pimenta (1998) elenca algumas delas que podem ser usadas como referência.

1. Criar grupos que desenvolvam informações não escritas. Essas informações são apresentadas e o professor vai reunindo, a partir deles, os elementos necessários para sua explicação inicial sobre sua disciplina.

2. Organizar a sequência de uma aula que coloque o aluno em horizontalidade com o professor, isto é, trabalhando juntos durante o tempo da aula e em tempo extraclasse, de forma a envolver ambos. Citando Antoni Zabala, Pimenta (1998) sequencia um modelo de aula como exemplo prático:

- a) O professor apresentar uma situação problemática e procurar soluções.
- b) Indicar fontes de informações.
- c) Fazer que os alunos, de forma individual ou coletivamente, busquem informações sob a supervisão docente
- d) Resposta para a situação problemática
- e) Generalização das conclusões e sínteses

3. Pedir aos alunos que façam leituras para as próximas aulas. Obviamente que não se pode indicar leituras de forma aleatória, o melhor mesmo é que se tenha o tamanho do texto, tamanho esse que seja possível ser lido em tempo suficiente para a próxima aula. Ou também fazer resumos e levantar perguntas ou dúvidas para ser trabalhados na próxima aula.

4. Aulas expositivas de no máximo 30 minutos. Depois disso, tentar chamar a atenção dos alunos para notícias recentes que se relacionem ao assunto estudado, e, a partir disso, provocar discussões.

Por último, deve-se destacar as avaliações. Não podemos entender que avaliação nada mais é do que uma análise quantitativa de conhecimento do aluno, mas sim, uma forma de fazer entender o que ele realmente aprendeu, além disso, ajudá-lo a perceber o que errou e que merece ser corrigido ou mostrar o que faltou no assunto discriminado.

4 PSEUDO-SUPERAÇÃO DO ENSINO TRADICIONAL

É comum observar que há professores que costumam demonstrar uma espécie de modernidade em sua metodologia, no intuito de tornar a aula mais atraente, porém, não passa de uma falsa superação daquilo que é tradicional. Fischer (2009), fazendo referência ao

pensador Celso Vasconcelos, demonstra seis características que são inerentes a esses professores, que são:

- a) Modernos: São professores que costumam passar vídeo-aulas nas suas próprias aulas afim de não precisar explicar o assunto, dessa forma, descaracterizando como mediador e dando a impressão de ali é uma aula tecnológica.
- b) Aparência: Coloca-se cadeiras em círculo, aulas em locais externos, porém, o aluno não tem muitas chances de se manifestar.
- c) Novidade permanente: Se faz para várias técnicas de dinâmica de aula, isto é, aulas sempre diferentes e divertidas, porém, seus resultados pouco se modificam, isso quando há resultados reais.
- d) Seminários: O professor divide a matéria, ou seus fragmentos, com os alunos, e, cada um deles, substituirá o professor.
- e) Conteúdo esvaziado: São aulas divertidas, criativas e aparentemente interessante, porém, pouco se aprende.
- f) Relação professor/aluno: É quando o professor é um grande amigo fora da aula, porém, quando está em aula, ele mantém distância, dificultando a aula como um ambiente de clima agradável.

A existência de profissionais que se incluam com algumas dessas característica não é rara, todavia, é importante a identificação deles, pois, a continuidade desses falsos professores só tende a problematizar e depreciar ainda mais a educação.

5 A SALA DE AULA NO ENSINO SUPERIOR

A sala de aula no curso superior está condicionada ao espaço físico e um tempo determinado para o professor passar o seu conhecimento. Entretanto, apesar de haver também as aulas práticas, é necessário compreender que a aula é a oportunidade do aluno se expressar,

colocar suas reflexões e indagações, assim como acrescentar novas informações ao conteúdo, por mais especializado que seja o professor, ele nunca saberá tudo sobre o assunto abordado, é bastante normal alguns alunos saberem algumas informações que o professor não conhece.

Para o aluno, a sala é um centro formador de críticas, em que ele aprende a relacionar suas concepções com o que é científico e até empírico. Para o professor, é um local onde ele tem a chance de se aperfeiçoar não somente profissionalmente mas também pessoalmente, tendo como linha de destaque modos de fazer a prática que maximizem qualitativamente o ensino-aprendizagem. Isso nos mostra ainda mais que não se pode priorizar o modelo de sala de aula antes adotado na era pré democracia. A sala se tornou um espaço em que mais do que a superação do autoritarismo, da passividade, das “decurebas”, ela é um local onde é obrigatório a existência da criatividade, da pessoalidade, da relevância emocional e psicológica.

É notório que o desenvolvimento da tecnologia da informação também já faz parte do âmbito educacional, as salas se tornam mais midiáticas, em muitas instituições de ensino, é quase que obrigatório o uso de lousas digitais, notebooks, *datashows*, e outras tecnologias que façam com que o aluno interaja melhor.

Portanto, a sala de aula se modifica de acordo com as tendências de cada época, antes, era um ambiente de passividade e autoritarismo, hoje, um ambiente democrático e midiático, e assim, com o desenvolvimento de novas pedagogias, a sala também evolui com elas. É nela que temos um contato direto com diversas características pessoais, tais como, motivação, valores, crença, personalidades, e isso ajuda diretamente na formação do indivíduo e na sua capacidade criativa, possibilitando-o manifestar-se na família, na escola, no trabalho e na sociedade.

6 DISCENTES UNIVERSITÁRIOS

É necessário que o docente possua uma relação amigável com os alunos, para ter mais facilidade em entender quem são esses alunos, o que eles pensam, quais são suas expectativas como pesquisador ou profissional da área, e o mais importante, perceber os problemas que estão relacionados a eles. Para Masetto (1998), alguns problemas possuem os seguintes aspectos, que podem ser, por exemplo, o desinteresse na aprendizagem, falta de comprometimento coletivo, passividade, hábitos inadequados para estudo e entre outros.

Um outro ponto a ser ressaltado sobre os alunos universitários é a faixa etária, a cada dia que se passa mais e mais alunos com menos de 18 anos, em média, já entram no curso superior, sem nem mesmo ter certeza que sua escolha é realmente aquilo que ele quer

Porém, isso não quer dizer que o aluno continue assim em toda sua graduação, obviamente que ele muda, mas para isso, as instituições, juntamente como todo o corpo docente, necessitam diagnosticar os erros e assumir a responsabilidade de corrigi-los

6.1 O ALUNO COMO SUJEITO-APRENDIZ

Com a mudança do paradigma didático, o aluno passa a ser compreendido enquanto sujeito-aprendiz, e a este caberá a busca por informações, isto é, a utilização do conhecimento em benefício da sociedade. O professor substitui seu papel de centralizador das informações e do conhecimento e passa a ser orientador e facilitador do processo da aprendizagem. A eficácia na aprendizagem não é algo fácil, é necessário que o docente desenvolva constantemente a formação continuada e que saiba correlacionar fatos e teorias na ordem social, com o intuito de possíveis soluções para os problemas de maior complexidade.

O estudante, o professor e o curso, sem dúvidas são as fontes primordiais para aquisição do conhecimento, e que, é necessário que eles complementem e se relacionem em diversos aspectos. Tais aspectos se demonstram nos alunos pelas suas motivações, costumes e aptidões; com os professores, nota-se, principalmente com suas didáticas pedagógicas, motivação e percepção no que tange à educação. E por fim, relativos aos cursos, entende-se os objetivos e métodos como meios necessários para se ter qualidade e eficiência

Os pilares anteriormente mencionados passam a ser reelaborados para incentivar os alunos, e para isso, é necessário que a organização curricular se apresente de forma aberta, flexível, atualizada, interdisciplinar e incentivando, assim aplicabilidade teórica. Tal prática teórica se faz a partir de um corpo docente formado por profissionais pesquisadores em suas áreas específicas e a criação de métodos que os alunos apresentem *feedback* positivo.

Portanto, o professor deve entender que ele é um facilitador, um orientador, que direciona sua didática de forma a manter os alunos estimulados e fazê-los serem pessoas que podem interferir, de forma transformadora, criativa e racional, na realidade desta sociedade.

7 HOUVE AVANÇOS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO?

A estabilidade econômica no Brasil forneceu condições para que houvesse mais investimentos na educação. Dados² fornecidos pelo MEC nos mostra, na tabela comparativa a abaixo, o percentual do aumento de matrícula, Vestibular e outros processos seletivos, número de inscritos, número de vagas, número de concluintes e número de cursos do ano de 1991 até 2007.

ITEM	1991	2007
Matrícula	1.565.056	4.880.381
Vest. E Outros Processos s	426.558	1.481.955
Inscritos	1.985.825	5.191.760
Vagas	516.663	2.823.942
Concluinte	236.410	756.799
Número de cursos	4.908	23.488

Pode-se notar que a educação superior nesses últimos anos mais do que dobrou quantitativamente nos itens abordados. Todavia, em um relatório fornecido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) nesse ano, afirma que somente 9% de pessoas estão em uma faixa etária entre 55 a 64 anos possuem nível superior, 12% das pessoas entre 24 e 25 anos já fizeram faculdade ou universidade.

A educação superior vive uma rápida expansão contínua desde a década de 90, muitas necessidades foram satisfeitas, jovens que historicamente não tinham chances de frequentar alguma instituição de ensino superior, agora têm e isso é perceptível com o aumento de mais de 300% no número de matrículas.

Um outro fator a ser levado em consideração devido ao seu crescimento abrupto, são os cursos a distância. São mais de 200 instituições que oferecem vagas, pessoas que moravam em localidades remotas ou bastante distantes de cursos superiores puderam realizar seus sonhos, para se ter ideia, em 2006, havia 349 cursos e 207.206 alunos matriculados, se estes números forem comparados aos do ano 2000, perceberão o crescimento, pois, nesse ano só havia 10 cursos com 1.682 alunos matriculados.

Porém, há obstáculos que impedem que tal crescimento seja maior, os altos níveis de

² Fonte: http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/tabelas_formatadas_2007.xls

evasão são altos, cerca de 21,7% dos estudantes não concluem os cursos, muitos porque não conseguem a continuidade dos pagamentos ou custeio, outros, por desilusão ou desmotivação. De fato, a falta de política públicas possibilitem financiamento de estudos que alcance uma grande maioria é um dos principais entraves.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter ocorrido tardiamente a introdução do ensino superior no Brasil, com diversas limitações, nota-se que, com o passar das décadas, ela passou por diversas modificações, algumas trouxe avanços, outras não, porém, com auxílio de educadores comprometido com a educação, foi possível a implementação (não completa) dos novos pilares pedagógicos e isso possibilitou diversos estudos que fomentassem a carência de didáticas na prática docente.

Em uma sociedade tão atualizada e dinâmica, o professor que se rege pelo ensino tradicional está limitando suas chances de exercer bem sua profissão; o fracasso é quase certo, portanto, torna-se obrigatório, por parte do professor e por exigências do novo paradigma educacional, que ele se torne um facilitador da aprendizagem, sem se valer do grau de superioridade hierárquica face os alunos, o que poderia ser compreendido como autoritarismo, mas é imprescindível que o professor domine bem o conhecimento teórico em consonância com o prático, que saiba desenvolver e orientar pesquisas e que, portanto colabore para o diagnóstico e o esclarecimento dos problemas sociais e políticos da atualidade.

Os alunos mudaram, antes, eram os alunos que se adaptavam às exigências da instituição, hoje, são as instituições que se moldam a eles. Eles começam a desenvolver seu senso crítico e ativista desde cedo, a sala de aula não é mais um espaço para transmissão do conhecimento, torna-se um local que suas reflexões, posições informações ganha voz, e isso acontece cada vez mais cedo, pois, cada vez mais jovens são os novos universitários.

É cada vez mais prematuro a inserção de alunos no ensino superior, muitos deles sequer estão preparados, e por não estarem, passam por diversos problemas, que vão do desinteresse até o desenvolvimento de hábitos errôneos, porém, com a visão do aluno como sujeito-aprendiz, tais problemas tendem a ser superados.

Portanto, pode-se concluir que, apesar das barreiras que tendem a regressão do ensino superior, elas paulatinamente são vencidas, e os avanços em relação a essas superações são

notórios. Assim, as perspectivas para que a educação em geral melhore substancialmente são perceptíveis a cada ano, e por isso, é válido afirmar que o ensino superior está em seu período mais fértil e com profundas modificações.

REFERÊNCIAS

FISCHER , B. **Docência no ensino superior: questões e alternativas.** Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 311-315, set./dez. 2009

JARDILINO, J.; JARDIM ,D.; LIMA, D. **A interação professor-aluno em sala de aula no ensino superior: o curso de administração de empresas.** Revista Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 29, p. 101-119, jan./abr. 2010

MASETTO, M. **Professor Universitário: Um profissional da educação na atividade docente.** Papirus, 1998

PIMENTA, S.; ANASTASIOU, L. **Docência no Ensino Superior.** São Paulo: Cortez. 2002